

# SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE 2

DENISE PEREIRA  
ELIZABETH JOHANSEN  
(ORGANIZADORAS)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE 2

DENISE PEREIRA  
ELIZABETH JOHANSEN  
(ORGANIZADORAS)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Elizabeth Johansen

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S678 Sociedade e condição humana na modernidade 2 /  
Organizadoras Denise Pereira, Elizabeth Johansen. -  
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5706-795-6  
DOI 10.22533/at.ed.956210902

1. Sociedade. I. Denise Pereira (Organizadora). II.  
Elizabeth Johansen (Organizadora). III. Título.

CDD 302.5

**Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166**

**Atena Editora**  
Ponta Grossa - Paraná - Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Stuart Hall (2006), quando analisou o conceito de identidade cultural, afirmou que o indivíduo, anteriormente reconhecido filosófica e sociologicamente como sujeito unificado, agora pode ser compreendido como descentrado ou fragmentado devido as mudanças estruturais que transformaram as sociedades modernas no final do século XX. Tais transformações de forma alguma devem ser analisadas como elementos de fragilização do indivíduo, tampouco da sociedade, pois possibilitaram o descortinar de um mundo múltiplo, permitindo o (re)conhecimento de processos socioculturais diversificados.

Concomitante as mudanças estruturais que transformaram as sociedades modernas no final do século XX, as produções científicas a partir desse período passaram a apresentar sinais decorrentes da intensificação e difusão da chamada “virada cultural”, promovendo questionamentos teóricos e estudos que não mais recusavam as expressões humanas, suas paixões e intencionalidades como objetos a serem pesquisados, mas demonstraram o quanto tais objetos eram capazes de precisar a multiplicidade dessas sociedades em transformação.

O presente e-book da coleção Sociedade e Condição Humana na Modernidade II exemplifica as reflexões apresentadas acima, pois ao reunir trabalhos acadêmicos em que as narrativas individuais e o cinema são utilizados como fonte central de pesquisa, assim como investigações que voltaram o olhar para mulheres, indígenas, portadores de necessidades especiais e membros de irmandade negra, referenda tanto o entendimento de que o mundo é múltiplo social e culturalmente, quanto confirma que o campo científico acompanhou as transformações que a sociedade como um todo vivenciou. Prova disso é a temática da sustentabilidade, que norteia não apenas um dos artigos, mas é questão contemporânea de debates políticos, econômicos, culturais, científicos e sociais nas esferas local, nacional e internacional.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Elizabeth Johansen

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“CINEMA INDÍGENA”, ¿UM INSTRUMENTO PARA A DECOLONIZAÇÃO? María José Torres Idrovo DOI 10.22533/at.ed.9562109021	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
NARRATIVAS COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO PARA PEDAGOGOS: REFLEXÕES SOBRE O APRENDER E O ENSINAR MATEMÁTICA Claudene Ferreira Mendes Rios DOI 10.22533/at.ed.9562109022	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
SURDEZ: NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA DA CARREIRA ACADÊMICA E PROFISSIONAL DE UM PROFESSOR DE LIBRAS DO ENSINO SUPERIOR Roberto Antonio Alves Luci Pastor Manzoli Caroline Hellen Rampazzo Alves DOI 10.22533/at.ed.9562109023	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
PERSONAGENS FEMININAS DE HARPER LEE EM <i>O SOL É PARA TODOS</i> Valéria Biondo Heloise Roma Leite DOI 10.22533/at.ed.9562109024	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
A IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA CIDADE DE SÃO PAULO: REPRESENTAÇÕES DA CULTURA AFRICANA E TÁTICA DE RESISTÊNCIA (1778-1872) Fernanda Moreno Rosa Araujo DOI 10.22533/at.ed.9562109025	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>71</b>
SUSTENTABILIDADE E A POSSIBILIDADE DE CIDADES SUSTENTÁVEIS Marcio Valério Effgen Flavia Nico Vasconcelos DOI 10.22533/at.ed.9562109026	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>86</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>87</b>

# CAPÍTULO 4

## PERSONAGENS FEMININAS DE HARPER LEE EM *O SOL É PARA TODOS*

Data de aceite: 01/02/2021

Data de submissão: 06/11/2020

### Valéria Biondo

Centro Universitário Sagrado Coração  
Bauru – SP  
<http://lattes.cnpq.br/9522029308101646>

### Heloise Roma Leite

Centro Universitário Sagrado Coração  
Bauru – SP  
<http://lattes.cnpq.br/7832311834322719>

**RESUMO:** Com o crescimento do feminismo, estudos sobre o papel da mulher na sociedade se tornam importantes. Sendo a literatura um meio de observação, uma investigação de obras clássicas é uma possibilidade de estudo social. Este estudo procura analisar, com base em pesquisas bibliográficas, as personagens femininas na obra *O Sol é Para Todos*, de Harper Lee, destacando suas influências no leitor, considerando o contexto histórico-social e atual. Mesmo sendo leitura obrigatória nos colégios americanos, a obra não é muito difundida entre os leitores brasileiros. Dessa forma, o estudo tem como finalidade colaborar com a discussão sobre a representatividade da mulher na literatura norte-americana. Portanto, os resultados obtidos através de levantamento bibliográfico delineiam a sociedade americana da década de 1930, podendo se fazer uma ligação com a atualidade. Conclui-se, por fim, que as personagens adultas são de extrema importância

para o desenvolvimento da identidade da protagonista Scout e que, mesmo reafirmando estereótipos, nenhuma delas segue totalmente o padrão, muitas vezes quebrando os modelos de feminino/masculino, e servindo como exemplo de resistência às normas sociais e de gênero aos leitores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura norte-americana. Feminismo. Questões de Gênero. *O Sol é Para Todos*.

### HARPER LEE'S FEMALE CHARACTERS IN *TO KILL A MOCKINGBIRD*

**ABSTRACT:** With the rising of feminism, studies about the women's role in society become important. Since literature is a device of observation, an investigation of classical books is a possibility of social study. This study aims to analyzing, based on bibliographical research, the female characters in Harper Lee's *To Kill a Mockingbird*, highlighting its influences on the reader, considering the historical-social and current context. Even though it is a compulsory reading in American schools, the work is not known by Brazilian readers. Thus, the study aims to collaborate with the discussion about the representativeness of women in American literature. Therefore, the results obtained through a bibliographical survey delineate the American society of the 1930s and indicate that it is possible to make a connection with the present time. It is concluded, finally, that adult characters are extremely important for the development of Scout's identity, and that even reaffirming stereotypes, none of the female characters completely follows the pattern, often breaking the

female/male models, and serving readers as an example of resistance to social and gender norms.

**KEYWORDS:** American Literature. Feminism. Gender Issues. *To Kill a Mockingbird*.

## 1 | INTRODUÇÃO

Na literatura ocidental, o espaço conferido às mulheres sempre foi limitado. Desde as primeiras obras de que se tem informação, a literatura se mostra um meio exclusivamente masculino. *Ilíada* e *Odisseia*, ambas de Homero, datadas entre os séculos 8 e 2 a. C., são consideradas as primeiras obras épicas da literatura ocidental. Elas retratam as aventuras dos heróis gregos na luta pela hegemonia de seu povo. Nelas, as personagens femininas têm pouco espaço, ganhando papéis secundários. Conforme Beauvoir (1980, p. 30) aponta, “Nada mais tedioso do que os livros que traçam vidas de mulheres ilustres: são pálidas figuras ao lado das dos grandes homens; e em sua maioria banham-se na sombra de algum herói masculino”.

Seguindo nos grandes clássicos literários, por muito tempo, a literatura mantém-se patriarcal. Autoras e suas personagens continuavam no submundo artístico, sem muitas chances de despontar com suas obras. A pouca representatividade feminina na área se estendeu até o século 18.

As personagens femininas, no entanto, sofreram mais. Por todo o movimento do Romantismo, foram idealizadas e levadas à perfeição. Submissas, os livros retratavam a realidade da mulher daquele século. Poucas personagens ganhavam destaque como representação de uma mulher forte e independente.

E assim a predominância dos autores continuou até o século 19, quando grandes nomes como Jane Austen e as irmãs Brontë apareceram na literatura mundial, criticando a situação da mulher na área.

Mesmo com as lutas feministas, que começaram no século 18, as mulheres conseguiram pouco avanço na literatura. Uma das conquistas foi a profissão de escritora, ainda que de forma subjugada. Os autores e críticos literários não consideravam a qualidade de suas escritas, o que foi rebatido por Virginia Woolf e Simone de Beauvoir:

Elas discutiram a recusa, por parte da crítica masculina, de algumas escritoras, pela concepção, até final do século XIX, de que as obras femininas são marcadas por uma feminilidade como expressão de um narcisismo/sentimentalismo exacerbado. Outra suposição da crítica masculina é indagada por essas pensadoras, no que tange à conjectura de que a escrita feminina produz uma literatura que não se equipara em qualidade estética à elaborada pelos homens, uma vez que acreditavam que elas não possuíam a mesma capacidade intelectual. (SOUSA, DIAS, 2013, p.157-158)

Harper Lee colabora com a discussão de papéis de gênero ao desenhar suas personagens em *O Sol é Para Todos*, de 1960. As personagens da obra contribuem para

a construção da personalidade e identidade social da personagem principal. Jean Louise Finch, mais conhecida como “Scout”, é uma menina de oito anos de idade, criada sem forte presença feminina. Por não haver distinção de tratamento entre Scout e seu irmão Jem, acredita-se que a protagonista possui características de um *tomboy* – nome dado às garotas que possuem comportamentos considerados masculinos, tais como usar roupas de meninos, e preferir brincadeiras consideradas fora do padrão feminino.

Entretanto, através de suas ações, Scout e suas figuras parentais demonstram esta visão flexível de gênero. Scout não nasce com uma predisposição inata de ser *tomboy*; em vez disso, seus comportamentos a definem como *tomboy*. Como ela e suas figuras parentais, constantemente, repetem comportamentos não convencionais, eles apresentam seus conceitos de gênero. Lee, por fim, retrata gênero como um padrão instável, que altera de acordo com o indivíduo, em oposição aos paradigmas de masculinidade e feminilidade estereotipada.” (HAKALA, 2010, p. 13, tradução nossa).

Em contrapartida, “Aunt” Alexandra é o exemplo de feminilidade da década de 1930 – época em que o enredo do livro se passa. Mãe de família e dona de casa, ela decide ajudar a cuidar da sobrinha quando percebe que é necessário. Alexandra busca ensinar à sobrinha sua concepção de feminilidade, como se vestir e se portar. Como esclarece Hakala (2010, p. 49, tradução nossa), “Alexandra só acredita que Scout possa merecer valor na vida de seu pai se ela estiver de acordo com estereótipos de gênero e usar vestidos.”

A Literatura, assim como outros instrumentos de comunicação e dispersão de conteúdo, provoca reações que podem encadear consequências, positivas ou negativas, na sociedade. A representação mimética das personagens possibilita o entendimento da sociedade americana do período. Mas, apesar dos avanços e das conquistas das mulheres, é importante perguntar se as questões levantadas em *O Sol é Para Todos* podem ainda ser consideradas atuais.

Considerando Jesus e Sacramento (2014, p. 200):

As discussões sobre gênero não se restringem ao aspecto dicotômico e essencialista conferido ao sexo. Repensar o gênero acarretaria também indagar questões que cercam o sujeito pós-moderno como a identidade, a representação e as categorias sexuais, entendidas como necessárias à construção do sujeito ocidental. Dessa maneira, abordar o gênero implica compreender o processo de construção identitária do sujeito.

É notável que a diferenciação entre gêneros continua a ocorrer e, mesmo após mais de cinquenta anos de sua publicação, a obra de Harper Lee conserva-se atual. As mulheres ainda precisam passar por aprovações e seguir as regras de feminilidade impostas culturalmente.

*O Sol é Para Todos* é leitura obrigatória nas escolas norte-americanas, porém continua desconhecido no Brasil. Este estudo se atenta às personagens femininas do livro e suas relações no contexto histórico-social, bem como sua representatividade na

atualidade. Portanto, é o objetivo geral deste trabalho analisar as personagens femininas da obra e, como objetivos específicos, pretende-se conhecer as principais personagens do livro e suas histórias, descrever a influência e importância da obra e das personagens na contemporaneidade, além de identificar as questões de gênero presentes na obra e sua relação com a atualidade.

Para isso, buscou-se, inicialmente, apurar a origem dos estudos sobre o feminino e a relação feminina com a literatura, o aparecimento das autoras e suas personagens de forma mais efetiva. Em seguida, discute-se a situação histórica americana e a forma como os Estados Unidos da década de 1930 se manifestavam econômica e socialmente.

Por fim, discutiu-se a representação das personagens da obra, em especial as femininas. Apresenta-se a representação da mulher negra em uma sociedade segregada, apontando as formas pelas quais esta se diferencia das outras mulheres negras. Caracteriza-se também a figura da *Southern Belle*, que busca seguir os padrões de feminilidade sulista. E, por fim, identifica-se a concepção de performance de gênero, através da qual a personagem consegue se manter perante as expectativas da sociedade.

## 2 | REPRESENTAÇÃO FEMININA

O papel da mulher sempre foi motivo de estudo. Desde a primeira onda teórica feminista, que emergiu após a Revolução Francesa, reivindicando direitos fundamentais e igualdade entre os gêneros, observa-se que este papel vem se modificando (JESUS; SACRAMENTO, 2014).

A construção social acerca do gênero molda o papel feminino na sociedade e é, desde modo, retratado na literatura. Observa-se, também, que conforme a mulher conquista seu espaço no mundo, conquista-o na literatura. A partir daí, então, surge também a crítica feminista - primeiramente com o estudo da representação estereotipada da mulher em obras de autores, e, mais tarde, de autoras.

Desponta, então, uma das principais vertentes da crítica literária feminista, a ginocrítica, de Showalter (1994). Com a ginocrítica, Showalter propôs uma teoria literária voltada especialmente para a análise de obras de autoria feminina, buscando criar cânones femininos em oposição aos masculinos.

Harper Lee, com *O Sol é Para Todos*, pode ser considerada como cânone da literatura americana, que questiona os papéis de gênero das personagens. O processo de criação e, conseqüentemente, da construção identitária de Scout refuta os padrões de comportamento da época. Na sequência, analisaremos como se dá a representação de gênero na obra, destacando principalmente as mulheres sulistas que serviam de exemplo a Scout, ajudando em sua educação e na afirmação de sua identidade.

Sendo a literatura uma representação sociocultural, é possível perceber como a sociedade americana da década de 1930 retratava a mulher: mãe e dona de casa obediente.



Assim as meninas eram criadas, devendo seguir as regras de comportamento e vestimenta para, no futuro, tornarem-se mães exemplares.

No entanto, em *O Sol é Para Todos* as personagens femininas quebram com o padrão da época. Apesar da insistência em manter o paradigma, todas elas, em algum momento, desviam do modelo de *Southern Belle* – mulheres do sul dos Estados Unidos que mantinham a aparência, com classe e educação, sendo incumbidas de cuidar do marido e da casa.

Em contrapartida, em algumas situações, estas personagens agiam como sugere o papel do gênero feminino. Principalmente durante os chás da Sociedade Missionária, Alexandra e Scout portavam-se como verdadeiras *Southern Belles*.

Apesar das mudanças e conquistas das mulheres, este padrão continua a ser disseminado muitas vezes. As ideias de maternidade como dom divino e a de cuidar da casa como obrigação da mulher são propagadas com frequência, reproduzindo as mesmas noções das mulheres do início do século passado.

Conforme Teixeira (2009, p.85-86) indica,

Ao representar a figura feminina, constrói-se, projeta-se e estabiliza-se a identidade social, em processos definidos histórica e culturalmente. As práticas sociais de representação vigentes de uma certa época se cristalizam em formas textuais. É possível associar as representações às ordens de discurso a que estão genealogicamente relacionadas e, também, a outros discursos que circulam na sociedade. As práticas discursivas, além de sua dimensão constitutiva na construção social da realidade, constituem também ação social.

A autora ainda completa dizendo: “[...] seguindo essa abordagem, podemos observar que a literatura não só incorpora elementos da realidade, como também redimensiona e recria essa mesma realidade, podendo ou não reforçá-la”. (TEIXEIRA, 2009, p.87).

Além das questões sociais que envolviam as mulheres, deve-se considerar o contexto em que a obra está inserida. Para tal, é necessária uma análise da situação histórica dos Estados Unidos na década de 1930, o que será feito a seguir.

### 3 | OS ESTADOS UNIDOS DA DÉCADA DE 1930

Harper Lee escreveu *O Sol é Para Todos* na década de 1950 e publicou-o em 1960. O tema principal da obra gira em torno do preconceito racial e injustiças sociais de um Estado segregado, que sofre as consequências de anos de escravidão e intolerância.

A obra se passa na cidade fictícia de Maycomb, Alabama, na década de 1930. A narradora descreve a cidade:

Maycomb era uma cidade velha, mas quando a conheci era uma cidade velha e cansada. Com o tempo chuvoso as ruas transformavam-se em lodo avermelhado; mato crescia nas calçadas e o velho tribunal vergava-se sobre a praça. Seja como for, naquela época o tempo era bem mais quente:

qualquer cão preto penava num dia de verão; perante o calor sufocante, as mulas escanzeladas aparelhadas às carroças modelo Hoover sacudiam as moscas à sombra dos carvalhos existentes na praça. Lá pelas nove da manhã os colarinhos bem engomados dos homens já perdiam a goma. As senhoras tomavam banho antes do meio-dia, depois da *siesta* das três e ao anoitecer eram como biscoitos de manteiga cobertos com gotículas de suor e pó de talco perfumado.

Naqueles tempos as pessoas deslocavam-se lentamente. Perambulavam pela praça, ora entrando, ora saindo das lojas à sua volta, ocupando o tempo com quase tudo. O dia tinha vinte e quatro horas, mas parecia ser bem mais longo. Não havia pressa, porque não havia nenhum local para onde ir, nada para comprar e nenhum dinheiro com que comprar, nada para ver além dos limites de Maycomb County. Mas, para alguns, eram tempos de vago otimismo: isto porque alguém dissera recentemente que Maycomb County nada tinha a temer, exceto o próprio medo (LEE, 1960, p. 12-13, tradução nossa)

Na década de 1930, os Estados Unidos estavam passando por uma dura crise econômica, iniciada em outubro de 1929. As dificuldades financeiras provocaram retrocessos sociais: mulheres perderam seus empregos, negros foram expulsos de suas terras no Sul, mulheres negras sofreram ainda mais, já que estas trabalhavam como domésticas para a classe-média e, sem emprego, buscavam nas esquinas a atenção dos brancos que passavam, na esperança de um novo emprego. O resultado foi o aumento da discriminação racial e sexismo, já existentes (KARNAL, 2007).

A caracterização da cidade por Scout é essencial para garantir a verossimilhança da obra. Para Stiltner (2002, p. 12, tradução nossa): “a menção das pessoas e suas atitudes refletem no tempo. Mulheres, por causa da Grande Depressão, encontravam-se em casa e não nas fábricas e trincheiras, mas os homens trabalhavam muito para sustentar suas famílias”. Desta forma, a predominância dos estereótipos se mantém, dificultando alguns avanços já conquistados.

Mesmo com o fim da escravidão em 1863, a segregação racial ainda era um ponto presente nos Estados Unidos da década de 1930. Com resquícios da Guerra Civil, leis como as Jim Crow, que propunham o separatismo entre brancos e negros em todos os lugares públicos, mantiveram-se até a década de 1960, quando foram derrubadas pela Suprema Corte (KARNAL, 2007).

Uma das consequências do separatismo e intolerância racial nos Estados Unidos foram as organizações de supremacia branca. A principal delas foi a Ku Klux Klan (KKK), que, segundo Karnal (2007, p. 146):

[...] combatia, além dos negros, os brancos liberais que apoiavam o fim da segregação, também chamados de *negro lovers* (amantes de negros, com duplo sentido), os chineses, os judeus e outras “raças” consideradas inferiores.

A KKK colocava-se como uma entidade moralizante, de defesa da honra, dos costumes e da moral cristã. A prática pavorosa dos linchamentos era justificada por seus membros a partir de acusações de supostos estupros de mulheres brancas por negros (numa clara hierarquização da sociedade: a mulher, indefesa e inocente, estaria sendo vitimizada pelo negro, ser “inferior e bestial”, que precisava ser combatido pelos protetores dos “bons costumes”, os cavaleiros brancos da Klan).

Na obra, um grupo de membros da KKK da cidade tenta pressionar Atticus e linchar Tom Robinson, também acusado de estuprar uma mulher branca. *O Sol é Para Todos* retrata a situação da população negra no Sul dos Estados Unidos: sem direito a voto, educação ou emprego estável.

Com os homens voltando da Guerra e ocupando os empregos formais, restava às mulheres cuidar da casa. Em uma cidade do interior, como Maycomb, as normas sociais serviam de norteadores e não deveriam ser ignoradas. Assim como Alexandra, as mulheres sulistas eram condicionadas aos trabalhos domésticos e cuidados com os filhos. Como explica Seidel (2007, p. 147, tradução nossa):

O sul patriarcal fez dos homens brancos o grupo dominante. [...] Mulheres e os negros, por outro lado, eram considerados subordinados em status, papel e temperamento; o status de uma mulher dependia de seu pai ou marido, seu papel econômico era o que fazia suas alianças antes do casamento e ser uma dona de casa após o casamento, seu papel sexual era o de uma donzela casta ou esposa fiel [...] e seu temperamento ideal era passivo, dócil, ignorante e virtuoso.

No entanto, na obra, nem todas as personagens seguem os padrões e, muitas vezes, são reprimidas por isto. De acordo com Hakala (2010, p. 11, tradução nossa): “[...] Lee contrasta os personagens não convencionais com esses estereótipos para ilustrar sua progressão além padrões. Eles não se sentem mais ligados à feminilidade e masculinidade do sul.”

Em seguida, trataremos das personagens principais de *O Sol é Para Todos*, reforçando a forma como cada uma delas lida com as questões de gênero – e racial, no caso de Calpurnia -, e como influenciam, incentivando ou refutando, os comportamentos da personagem principal Scout.

## 4 | PERSONAGENS

Além do meio social, Scout sofre influência de várias personagens de seu convívio e, através deste contato, molda sua identidade. Dos diversos personagens, alguns servem de referência “maternal” à narradora. É o caso de Calpurnia, Alexandra e Miss Maudie, mulheres que Scout admira de diferentes modos.

No entanto, Atticus Finch e Arthur “Boo” Radley também devem ser considerados, já que, de certa forma, criam e inspiram a quebra de padrão.

## 4.1 A mulher negra: Calpurnia

Mesmo sendo uma relação conturbada, Calpurnia é a principal figura materna presente na vida de Jem e Scout. Após a morte da mãe das crianças é ela a única figura feminina que detém o controle da casa e exerce forte influência na criação dos dois.

Calpurnia, sendo a empregada da família Finch e estando presente no dia-a-dia das crianças, é quem cuida da casa e, junto com Atticus, educa Jem e Scout. Em alguns casos, Calpurnia exerce maior poder sobre Scout; beirando um autoritarismo patriarcal, ela adverte e repreende Scout, inclusive fisicamente, enquanto Atticus lança olhares de reprovação e opta por dar sermões usando linguagem jurídica. Segundo Hakala (2010, p. 44, tradução nossa) “a feminilidade da Calpurnia combina com sua autoridade masculina para demonstrar a natureza flutuante dos padrões de gênero. Essa flutuação estabelece um precedente para o tomoísmo de Scout”.

Calpurnia não só quebra as barreiras de gênero, como também as barreiras raciais. Dentro da sociedade sulista de 1930, separatista e extremamente racista, haveria poucas oportunidades para uma mulher negra. Sem acesso à educação, a população negra remanesce com trabalhos braçais, delegando, assim, às mulheres o trabalho doméstico.

No entanto, contrariando as convenções daquela sociedade, em que mulheres negras ocupavam uma posição inferior às brancas, Calpurnia é uma das únicas alfabetizadas da cidade. Ela aprendeu a língua culta, mas a usa de acordo com o ambiente. Como a própria personagem explica:

Não é preciso andar mostrando a nossa sabedoria a todo mundo. Não é próprio de uma senhora... em segundo lugar, as pessoas não gostam de ter por perto alguém que saiba mais que elas. Isso humilha-as. As pessoas não vão mudar só por que alguém lhe fala certo, elas têm que ter vontade de aprender por elas próprias, e quando não querem aprender, então não há mais nada a fazer do que manter o bico calado ou falar a língua deles. (LEE, 1960, p. 143)

Apesar de discutir com Calpurnia e a considerar tirânica, é nela que Scout encontra a primeira referência positiva de feminilidade. Observando-a na cozinha, ela declara “[...] comecei a pensar que, afinal, havia alguma habilidade envolvida em ser uma garota” (LEE, 1960, p. 132). A feminilidade de Calpurnia, mesmo estereotipada como dona de casa, é marcante e forte. Representando uma minoria condicionada ao insucesso, Calpurnia é um exemplo de desvio das normas sociais para Scout, afinal, ela também poderia contrariar o padrão de gênero.

## 4.2 *Southern Belle*: Alexandra

Em contrapartida, Alexandra diverge totalmente de Calpurnia. Alexandra tenta se encaixar à sociedade de Maycomb, que não aceitava desvios do padrão. Por isso, quando julga necessário um pouco de feminilidade, ela assume a criação de Scout.

A relação entre tia e sobrinha, no entanto, é focada no poder e na repressão. Como

explica Scout, “tia Alexandra se encaixava no mundo de Maycomb como uma luva, mas nunca no mundo meu e de Jem” (LEE, 1960, p.149, tradução nossa). Alexandra acredita que Scout também deveria se encaixar no mundo de Maycom e, por isso, a repreende pelas suas características *tomboy*. Atticus, que aceitava os modos da filha, aceita que Alexandra o auxilie na criação das crianças, dando poder à irmã.

É possível separar as ações de Alexandra conforme as normas de gênero. Uma vez seguindo à risca os padrões de *Southern Belle*, ela busca educar Jean Louise a seu modelo. Scout explica a visão da tia: “eu não poderia esperar ser uma *lady* se eu usasse calções; quando eu disse que não poderia fazer nada em um vestido, ela me disse que eu não deveria fazer nada que demandasse calças” (LEE, 1960, p. 92, tradução nossa). Em uma das frases mais marcantes do livro, a narradora deixa claro sua visão: “eu deveria ser um raio de sol na vida solitária do meu pai. Sugerir que se pode ser um raio de sol usando calças também [...]” (LEE, 1960, p. 92, tradução nossa).

Alexandra vê as roupas de Scout como um dos maiores obstáculos para a feminilidade. Segundo as tradições, uma verdadeira *Southern Belle* deveria usar vestidos e colares; nunca macacão. Mrs. Dubose, uma cruel senhora que morava há duas casas das crianças, valida a concepção de Alexandra ao instigar Scout, perguntando “o que você está fazendo com esse macacão? Deveria estar usando vestidos e blusinhas, mocinha! Você vai crescer servindo mesas, se ninguém mudar seus modos – uma Finch servindo mesas no O.K. Café!” (LEE, 1960, p.117, tradução nossa). Na sequência, Jem, que muitas vezes a criticou por ser *girlish*, sugere à irmã que não se importe, levante a cabeça e seja um *gentleman*.

Mesmo que, constantemente, reafirme as normas sociais e padrão de gênero típicos da sociedade americana, em algumas ocasiões, Alexandra desvia-se das convenções. Ela não é um exemplo de esposa – já que abandona seu marido para tomar conta da família de Atticus –, além de incentivar seu neto a cozinhar. Francis conta que sua avó o ensinaria a cozinhar e é provocado por Scout, que diz que meninos não cozinham. Francis então diz “vovó diz que todos os homens devem aprender a cozinhar, que os homens devem ser cuidadosos com suas esposas e tomar conta delas quando elas não se sentem bem” (p. 93). Como explica Hakala (2010, p.51, tradução nossa):

Hipocriticamente, ao mesmo tempo em que Alexandra tenta transformar Scout em uma *lady*, Alexandra nem sempre adota o mesmo sistema de valores. Por exemplo, ela não é uma esposa modelo e ignora seu marido Jimmy. [...]

Também, Alexandra tenta controlar Atticus, que, de acordo com os estereótipos, deveria manter o poder sobre ela.

A tia é rígida na tentativa de criar Scout seguindo as normas de feminilidade e parece não aceitar o tomoísmo da sobrinha. Porém, após Bob Ewell atacar as crianças, Alexandra, em um ato de aceitação, leva a Scout seu macacão: “[...] ela me trouxe algo

para vestir e se tivesse pensado nisso antes, eu nunca a teria deixado esquecer: na sua distração, a tia me trouxe meu macacão” (LEE, 1960, p. 303, tradução nossa). Jean Louise acredita ser por distração, mas ao escolher o macacão – um dos maiores motivos das brigas entre as duas e símbolo maior da repressão sofrida pela garota – e não um vestido, Alexandra mostra que, por fim, entende a sobrinha e abraça seu jeito de ser.

### 4.3 A mulher camaleão: Miss Maudie

Após Jem desprezar sua companhia por agir como uma “garota”, Scout encontra em Miss Maudie Atkinson uma companhia. Como descrita por Scout, Miss Maudie “era viúva, uma *senhorita camaleão* que trabalhava em seus canteiros de flores em um velho chapéu de palha e macacão de homem, mas, depois de seu banho das cinco, ela apareceria na varanda, reinando nas ruas em sua beleza magistral” (LEE, 1960, p. 47, tradução nossa).

Maudie é uma mulher que diverge das outras de sua comunidade, independente e solteira, a vizinha consegue perambular pelos dois mundos, ora assando bolos, ora trabalhando em seu jardim. Conforme Hakala (2011, p. 54, tradução nossa) aponta, “ela respeita Scout e a trata de forma madura. Além do mais, Miss Maudie representa um modelo de mulher que orgulhosamente exhibe comportamentos de quebra de gênero”.

Fugindo do padrão esperado por mulheres em uma sociedade conservadora, como a de Maycomb, Maudie não tem papas na língua. Ela usa da eloquência, característica predominantemente masculina, para se impor. Além do mais, Maudie prefere atividades ao ar livre e usar roupas masculinas, como Scout.

Estas características desencadeiam reações de repúdio. Assim como Scout, Maudie enfrenta repressão por usar roupas e exercer atividades masculinas. Os “batistas lava-pés” alegam que Maudie deveria ir para o inferno por ficar tempo demais cuidando do jardim e não dentro de casa. Na visão de Maudie, “O problema, é que os lava-pés pensam que as mulheres por si só já são um pecado. Sabe, eles levam a Bíblia ao pé da letra” (LEE, 1960, p. 50, tradução nossa).

No entanto, Maudie não foge completamente das convenções de gênero. Quando se faz preciso, ela usa vestidos e participa da Sociedade Missionária. De acordo com Richards (2005, p. 122, tradução nossa), “ao contrário de Alexandra, Miss Maudie não está abertamente distraída às performances transgressivas de gênero e de fato construiu um contingente de identidade pública em manipulações hábeis de tais performances”.

Maudie exerce o papel de gênero conforme espera a sociedade. Ela difere das outras mulheres da obra por saber agir versatilmente, de forma consciente. Scout a vê como um exemplo a ser seguido.

### 4.4 Os homens fora do padrão

Apesar de não serem figuras femininas, Atticus e Boo Radley desempenham funções importantes para a formação identitária de Scout e para a definição dos papéis de gênero da história, servindo até mesmo como modelos maternos, que criam e cuidam dela.

Atticus não pode ser considerado um típico homem sulista. Primeiramente, Atticus subverte as expectativas ao abandonar a vida no campo, tradição da família Finch, e estudar Direito na cidade. Além disso, como viúvo, ele cria os filhos sem distinção de gênero ou tratamento. Atticus é também um pai atípico: as crianças o chamam pelo nome e expõem a ele situações consideradas acima do nível de maturidade deles ou até mesmo inapropriadas – como quando Scout lhe pergunta o que significa estupro e ele responde em linguagem adulta que estupro era “ter conhecimento carnal com uma mulher através do uso da força e sem o seu consentimento” (LEE, 1960, p. 154, tradução nossa).

Na visão de Scout, a idade estava afetando a masculinidade do pai, “Atticus estava fraco: tinha quase cinquenta anos. Quando Jem e eu perguntamos por quê ele estava tão velho, ele disse que tinha começado tarde, o que nós sentíamos que refletia em suas capacidades e masculinidade” (LEE, 1960, p.102, tradução nossa).

Comparado aos homens de sua idade, Atticus apresentava características consideradas femininas: preferia passar o tempo lendo a caçar ou jogar pôquer. Como explicita Hakala (2010, p. 28-29, tradução nossa):

[...] ele subverte expectativas agindo estereotipicamente de forma feminina, mas em outros casos, ele se dobra a convenções, demonstrando características que diferem das características masculinas dominantes de sua comunidade. [...] Atticus não foge completamente do convencional – afinal, contrata Calpurnia para cozinhar e limpar – mas, também não é convencional.

Boo Radley tampouco pode ser tomado como o melhor exemplo de homem do sul dos Estados Unidos. Arthur Radley, mais conhecido como Boo pela mítica criada na cidade, vive uma vida reclusa e cercada de mistérios. Scout explica que:

Dentro da casa vivia um fantasma malévol. As pessoas diziam que ele existia, mas Jem e eu nunca tínhamos visto ele. Diziam que ele saía à noite, quando a lua estava baixa, e urinava nas janelas. Quando as azaleias dos vizinhos congelavam em uma frente fria, era porque ele havia respirado nelas. Qualquer crimezinho cometido em Maycomb era trabalho dele (LEE, 1960, p. 9, tradução nossa).

Na juventude, Boo se envolveu em problemas. Desafiando as normas sociais da cidade, Boo ficou amigo dos Cunningham – família de classe inferior –, formando, então, uma “gangue”. Influenciado pelas novas amizades, foi condenado por desordem, agressão e uso de linguagem profana na presença de uma mulher. Desta forma, Boo e os Cunningham foram mandados para um reformatório. O pai, Sr. Radley, no entanto, fez o possível para livrar Boo, prometendo mantê-lo longe dos problemas, o que resultou nas portas fechadas da família.

Com o isolamento, muito se falou. A reclusão da família Radley, portanto, decorreu na criação do mito, principalmente sobre Boo. De acordo com Miss Stephanie Crawford, aos trinta e três anos, Boo atacou Mr. Radley com uma tesoura enquanto fazia recortes no

jornal para seu álbum. Segundo Jay (2015, p.517, tradução nossa) “o que Boo vê da casa dos Radley quando espia, nós imaginamos, é um mundo normativo do qual foi excluído, uma alienação que talvez motivou o ataque violento a seu próprio pai (símbolo patriarcal) e fez dele algo a se temer e repreender”.

Mesmo após a morte de Mr. Radley, Boo continuou sob dominação patriarcal. Nathan, irmão mais velho, volta à cidade e toma o lugar do pai. Acreditava-se que Boo voltaria às ruas, mas com a chegada de seu irmão tudo continua igual. Durante toda a obra Boo permanece um mistério para Scout e Jem mantendo-se sempre recluso.

No entanto, a reclusão de Boo pode ser entendida como um ato de resistência. Durante toda sua vida, Boo sofrera para se encaixar nas normas sociais de Maycomb. Assim como acontece com Scout, a sociedade repreende Boo por suas escolhas. Como ressalta Hakala (2010, p. 62, tradução nossa) “Boo demonstra que as pessoas podem resistir em conformidade às expectativas da sociedade. Pode-se enfrentar punição à resistência, mas pode-se também encontrar felicidade nesta decisão. Esta lição encoraja Scout a abraçar seu tomoísmo”.

#### 4.5 Scout

O tema central da obra gira em torno da questão racial, mas deve-se considerar o processo de amadurecimento de Scout. Por ter sido criada sem mãe, ela se baseia nos modelos das personagens adultas para seu desenvolvimento e construção de sua identidade.

O livro retrata a infância de Scout, começando aos seis anos e terminando aos nove. No entanto, a obra é narrada por uma Scout mais velha, sem idade precisa. Por ser um romance de formação (*bildungsroman*), a narradora chega ao final da história mais madura e consciente de sua realidade. Durante este processo, alguns personagens hesitam entre apoiar e depreciar o tomoísmo de Scout.

Jem, irmão mais velho de Scout, é o personagem mais presente em toda a obra e uma das maiores referências para ela. Mesmo com as diferenças de idade e de gênero, ambos são tratados com igualdade pelo pai Atticus. No geral, Jem aceita Scout, no entanto, algumas vezes, ele a provoca por agir como “menina” (*girlish*). Na visão dele, em alusão aos papéis de gênero, Jean Louise seria muito feminina por sentir medo, como quando estão brincando próximo à casa de Boo, Jem diz:

Te juro, Scout, às vezes você se comporta como uma menininha que até dói [...]

[...] Jem disse-me que eu estava sendo uma menina, que as meninas estavam sempre imaginando coisas, que era por isso que as outras pessoas as detestavam e que se eu comesse a me comportar como uma, então podia sair e procurar alguém com quem brincar. (LEE, 1960, p. 42 e 45, tradução nossa)



Porém, quando Scout briga com a tia, Jem a conforta dizendo que “ela não está acostumada com garotas, pelo menos, não garotas como você. Ela está tentando te fazer uma *lady*. Você não pode aprender a bordar ou coisa assim?”, em resposta, ela diz “nem pensar” (LEE, 1960, p. 257, tradução nossa). Para Jem, ser mulher poderia significar fraqueza, mas também teria seus valores, ele diz “já está na hora de começar a ser uma garota e agir direito” (LEE, 1960, p. 131, tradução nossa).

De fato, algumas personagens pressionam Scout de acordo com as expectativas criadas para as mulheres, em especial, por serem sulistas. Alexandra, por exemplo, esforça-se para que Jean Louise se torne uma *Southern Belle*. Por outro lado, Atticus e Maudie reconhecem e aceitam os modos de Scout, servindo, inclusive, de modelos de desvio do padrão.

Apesar das tentativas de Alexandra e provocação de outras personagens, Scout refuta as normas de gênero que lhe impõem. A narradora confirma seu toboísmo, já que continua durante o restante da obra preferindo usar macacão a vestidos, mantendo a aparência e preferindo atividades e atitudes tidas como masculinas – como caçar, por exemplo, ou arrumar brigas.

Os diferentes tipos de mulheres, entretanto, mostram a Scout que não existe um modelo único de mulher, mas que todas elas, com suas peculiaridades, são fortes. Mesmo após o assassinato de Tom Robinson, elas precisam manter a postura durante o encontro da Sociedade Missionária. Abaladas e com medo, Alexandra e Maudie se recompuseram e, desta forma, Scout percebeu que “final de contas, se a tia conseguia ser uma lady numa altura desta, eu também conseguiria” (LEE, 1960, p. 271, tradução nossa). Como aponta Hakala (2010, p. 59, tradução nossa):

Lee mostra que a feminilidade não é monolítica e abrange múltiplos aspectos, incluindo o toboísmo. As mulheres não precisam todas compartilhar as mesmas características. Além disso, uma *lady* pode passar de um tipo de feminilidade para outro, como ilustram as figuras maternas de Scout. (HAKALA, 2010, p. 59, tradução nossa).

Por fim, Scout começa a entender o que é ser mulher e, apesar de não se sentir confortável, ela se esforça para se adaptar à sociedade. Nos encontros da Sociedade Missionária, Jean Louise concorda em usar vestido e tenta se encaixar no mundo das senhoras de Maycomb ajudando Calpurnia a servi-las e, até mesmo, conversando com elas sobre futilidades. Scout encontra dificuldades durante estas reuniões e reflete que “em breve teria de entrar naquele mundo onde, na superfície, as senhoras perfumadas se balançavam lentamente, se abanavam gentilmente e bebiam água fresca. Mas, de fato, sentia-me bem mais à vontade no mundo do meu pai” (LEE, 1960, p. 266, tradução nossa).

Contudo, Scout encontra em Maudie um exemplo de como se portar. Assim como a vizinha, Scout cria uma ilusão de seu gênero feminino. Segundo Butler (2008, p. 194, apud ROSA, 2012, p. 51):

[...] atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade.

Jay (2015, p. 514-515, tradução nossa) ainda aponta os principais motivos da rebeldia e desobediência de Scout em relação aos padrões de gênero masculino/feminino:

Tomada de ceticismo, a reminiscência aponta para como Scout criança identifica-se com os homens na medida que os percebe livres para desobedecer às normas sociais, satisfazendo seus desejos e ignorando o decoro. Eles obedecem às leis mais altas de sua masculinidade rebelde em desobediência às expectativas policiadas por mulheres. O que faz as mulheres hipócritas em sua visão, pode-se supor, e que elas têm os mesmos desejos fora-da-lei de expressão e do corpo, mesmo fingindo o contrário, suprimindo e reprimindo-se no desempenho da feminilidade Sulista.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou, através da análise das personagens da obra *O Sol é Para Todos*, discutir as questões de gênero dentro do contexto sócio-histórico e na contemporaneidade, além da importância da obra. Ao longo do trabalho, verificou-se que as personagens do livro retratam, de forma mimética, a sociedade americana de 1930. Aponta-se, também, que as personagens, apesar de seguirem os padrões sociais e de gênero, em algum momento, quebram com este modelo.

Na história da literatura ocidental, o papel da mulher se mostra reduzido aos estereótipos construídos no decorrer dos séculos. Só recentemente autoras e suas personagens começaram a ganhar destaque. Apesar das mudanças e conquistas das mulheres, este padrão encontrado na obra estudada continua a ser disseminado muitas vezes. As ideias de maternidade como dom divino e a de cuidar da casa como obrigação da mulher são propagadas com frequência, reproduzindo as mesmas noções das mulheres do início do século passado.

A obra de Harper Lee, ao transgredir os modelos de gênero das personagens, coopera para não reforçar estes ideais. O processo de criação e, conseqüentemente, da construção identitária de Scout refuta os padrões de comportamento da época. Apesar de ter sido lançada há mais de cinquenta anos, a obra possui um caráter atual em sua essência. Assim como a personagem principal, as crianças seguem forçadas a agir de acordo com a heteronormatividade e o binarismo.

Não é possível afirmar o final de Scout, se ela se torna uma *Southern Belle* ou mantém-se *tomboy*, uma vez que a narração da obra termina com Scout aos nove anos. No entanto, durante os três anos narrados e as experiências de feminilidade a que foi exposta, Jean Louise continua a agir de acordo com as tendências *tomboy*, mesmo que algumas vezes siga comportamentos femininos. Seguindo os exemplos de Maudie, Calpurnia, Alexandra, Atticus e Boo Radley, Scout aprende a performar seu gênero de acordo com a necessidade.

Estas personagens representam pessoas reais na sociedade ocidental: Maudie, contrapondo as regras sociais ao não se casar e praticar atividades ao ar livre; Calpurnia, ao subverter as expectativas raciais; Alexandra, mesmo sendo um exemplo de feminilidade, mas sendo forte e independente; Atticus, que cria os filhos sem discriminação de gênero e prefere ler a caçar; Boo Radley, considerado a aberração da cidade, mas uma pessoa emotiva e idônea que sofreu nas mãos paternas. Além de influenciarem Scout, estas personagens representam a resistência aos modelos impostos, servindo, então, de exemplos aos leitores.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**: 1. Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

HAKALA, L. **Scouting for a Tomboy**: Gender-Bending Behaviors in Harper Lee's *To Kill A Mockingbird*. 2010. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes, Georgia Southern University, Statesboro, 2010.

JAY, G. Queer Children and Representative Men: Harper Lee, Racial Liberalism, and the Dilemma of *To Kill a Mockingbird*. **American Literary History**, Wisconsin, v. 27, n. 3, p. 487-522, ago, 2015.

JESUS, M. S. de; SACRAMENTO, S. M. P. do. A abordagem conferida ao sexo e gênero nas distintas ondas feministas. **Revista Café Com Sociologia**, Santa Cruz, v. 3, n. 3, p.188-206, set. 2014.

KARNAL, L. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

LEE, H. **To Kill a Mockingbird**. Nova Iorque: Harper Perennial, 1960.

RICHARDS, G. Harper Lee and the Destabilization of Heterosexuality. **Lovers and Beloveds**: Sexual Otherness in Southern Fiction, 1936-1961. Baton Rouge: Louisiana State UP, 2005.

ROSA, P. Gênero: Performativo ou Ontológico?. **Peri**, Florianópolis, v. 4, n. 1, 2012, p.46-56.

SEIDEL, K. L. Growing Up Southern: Resisting the Code for Southerners in "To Kill a Mockingbird." **Harper Lee: Essays and Reflections**. Ed. Alice Hall Petry. Knoxville: University of Tennessee Press, 2007. 79-92.

SHOWALTER, E. A Crítica Feminista no Território Selvagem. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e Impasses**: O Feminismo como Crítica da Cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

SOUSA, D. P. de A.; DIAS, D. L. F.. Quando a Mulher Começou a Falar: literatura e crítica feminista na Inglaterra e no Brasil. **Gênero da Amazônia**, Belém, v. 3, n. 7, p.144-168, jun. 2013. Disponível em: <[http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-3/Artigos/Artigo7-Dignamara e Daise.pdf](http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-3/Artigos/Artigo7-Dignamara%20e%20Daise.pdf)>. Acesso em: 27 fev. 2017.

STILTNER, M. **Don't Put Your Shoes on the Bed: A Moral Analysis of To Kill a Mockingbird**. 2002. 78 f. Dissertação (Mestrado). East Tennessee State University, Tennessee, 2002.

TEIXEIRA, N. C. R. B. Entre o ser e o estar. **Guaicará**, Guarapuava, v. 25, n. 1, p.81-102, maio 2009. Disponível em: <<http://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/1125/1082>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

## ÍNDICE REMISSIVO

### C

Cidades 34, 35, 71, 72, 80, 81, 82, 83, 84

Colonialidade 1

Compromisso 26, 55, 56, 58, 59, 64, 66, 68, 69, 70

Crise 44, 59, 72, 77, 79

Cultura africana 55, 58, 64, 69, 70

### D

Decolonização 1

Documento 10, 11, 55, 56, 59, 68, 75

### E

Educação de surdos 30, 33, 38

Escravidão 43, 44, 55, 70

### F

Feminismo 39, 53

Florestas 72, 73, 74

### H

Habilidades 27, 31, 33

### I

Igreja 55, 56, 57, 58, 59, 65, 68, 69

Imagem 1, 82, 83

Indígena 1, 3, 5, 6, 8, 9, 12, 13

Irmandades religiosa 55

### L

Libras 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38

Língua portuguesa 17, 31, 35

Literatura norte-americana 39

### M

Meio ambiente 72, 74, 75, 76, 77, 80, 84, 85

Metodologia 20, 34

Movimento 17, 21, 23, 25, 26, 40

Mulher 39, 40, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 54, 67

## **N**

Narrativas 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 58

## **O**

*O Sol é Para Todos* 39, 40, 41, 42, 43, 45, 52

## **P**

Pesquisa 14, 15, 17, 18, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 37, 38, 52, 55, 56, 57, 63, 66, 71, 84

Políticas públicas 71, 72, 73, 76, 80, 81, 82, 83

Poluição 72

Prática de formação 14, 17, 18, 21, 28

## **Q**

Questões de Gênero 39, 42, 45, 52

## **R**

Relato (auto)biográfico 30

Religião 57, 58, 65, 70

Representação 14, 15, 40, 41, 42, 43, 55, 70, 81

Representações matemáticas 14, 16

Resistência 14, 16, 19, 23, 25, 39, 50, 53, 55, 56, 58, 60, 62, 69, 70

## **S**

Sociedade 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 56, 59, 60, 61, 62, 64, 76, 78, 79, 80, 85

Surdez 30, 31, 32, 33, 37, 38

Sustentabilidade 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

# SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 